



DOI: 10.21057/10.21057/repamv13n3.2019.28752

Martí em seu (terceiro) Mundo*

Roberto Fernández Retamar¹

A Ezequiel Martínez Estrada e Manuel Pedro González

Encarcerado e levado a julgamento por atacar um quartel em Santiago de Cuba em 26 de julho de 1953, Fidel Castro respondeu aos juízes que queriam conhecer o instigador do ataque: “é José Martí”. Anos depois, os dois grandes documentos políticos que estabelecem a orientação do processo revolucionário desencadeado naquele 26 de julho, as chamadas *Primeira Declaração de Havana* (1960) e *Segunda Declaração de Havana* (1962), começam se referindo a José Martí.

Este dirigente político, que seguiu sendo subversivo 60 anos depois da sua morte, é o escritor a quem Rubén Darío chamou “*Maestro*” e Alfonso Reyes, “supremo varão literário”. O mesmo a quem Gabriela Mistral considerava “o homem mais puro da raça” e Ezequiel Martínez Estrada, não apenas “um Herói”, como também “um Santo, um Sábio e um Mártir”. Quem era esse homem raro a quem, a um século de seu nascimento, Fidel Castro atribui a paternidade da mais dramática revolução do continente americano? Que é recitado de memória pelos estudantes da sua terra e pelos escritores mais exigentes? Que é reivindicado por pensadores das mais diversas orientações? Quem é esse homem que, antes dos seus 18 anos, tendo padecido de prisão política, saiu exilado da sua ilha e não viveu a não ser dedicado a ela, regressando aos 42 anos para morrer na guerra que ele próprio organizou e na qual não chegaria a ferir ninguém? E que, sem haver publicado um livro, deixou milhares de

* Publicado originalmente sob o título “Martí em su (Tercer) Mundo” como introdução ao livro de textos selecionados de José Martí sob título *Martí* de 1970 pelo Editorial Biblioteca Marcha no Uruguai. Tradução do original em castelhano por Joana Salém Vasconcelos, doutoranda em História Econômica pela Universidade de São Paulo, autora *História agrária da revolução cubana: dilemas do socialismo na periferia* (ed. Alameda, 2016) e co-organizadora do livro *Cuba no século XXI: dilemas da revolução* (ed. Elefante, 2017).

¹ Poeta, ensaísta e intelectual cubano, nascido em Havana em 9 de junho de 1930 e falecido na mesma cidade em 20 de julho de 2019. Autor do clássico da Teoria Social Latino-Americana *Caliban* entre outros livros essenciais como *Algunos usos de civilización y barbarie* e *Cuba defendida*.



páginas escritas no melhor da língua espanhola, visionário em política e em arte, e que hoje é citado por estadistas, escritores e homens simples, reverenciado por todos?

Vida

Em 1853, morriam fora de Cuba, um em Madri e outro na Flórida, dois homens relevantes do país, que propuseram soluções aos seus problemas políticos: um, o patricio Domingo Delmonte, pensou que tais soluções não deviam levar à separação da Espanha, mas sim materializar-se em reformas adequadas; outro, o presbítero Félix Varela, sustentou, ao contrário e com suficientes razões, a necessidade da independência de Cuba. Por pretender levar às vias de fato este último critério 40 anos antes, em 1812, o artesão negro José Antonio Aponte havia sido executado em Havana, “o primeiro cubano que sonhou a bela inspiração de rebelar-se contra a dominação espanhola de um modo prático”, como escreveu o historiador Juan Arnao em 1877. Também foi levado ao cadafalso em Havana, em 1851, o militar venezuelano Narciso López, por ter invadido a ilha para anexá-la aos Estados Unidos. A ideia de separar Cuba da Espanha tinha, pois, seu desenvolvimento, suas irreconciliáveis diferenças e seus grandes mortos em meados do século XIX. Naquele ano de 1853, em 28 de janeiro, José Martí nascia em Havana. Foi filho de espanhóis humildes (dom Mariano e dona Leonor), a quem a necessidade havia conduzido à “sempre fidelíssima ilha de Cuba”, onde se conheceram e se casaram. Cuba era, junto a Porto Rico, a última colônia espanhola do Novo Mundo. Sete filhas tiveram depois do casamento. Foram, dirá o próprio Martí, “pobres, muito pobres”. Para subsistir às necessidades mais urgentes, o pai, praticou diversas atividades menores com ocasionais momentos de desemprego. O filho homem, ainda criança, teve que acompanhá-lo em algumas, às vezes fora de Havana, mas ainda em Cuba.

O encontro de Martí com o professor cubano Rafael María de Mendive foi decisivo. Mendive, que além de professor era um delicado poeta e um ineludível patriota, dirigia a escola em que Martí foi matriculado e logo descobriu as qualidades excepcionais do garoto. Pediu ao pai, e finalmente obteve a autorização para custear seus estudos. Mais adiante, até seu exílio, Martí o tratará como seu segundo pai, com uma influência determinante em sua vida. Ainda em sua infância, foi em Mendive que Martí viu, deslumbrado, a conjunção entre o homem de letras, o professor e o patriota; do intelectual que se opõe virilmente à tirania, sofre a prisão e o exílio. Impossível não reconhecer essa fixação nas primeiras atividades públicas



de Martí, que durante estes anos reproduzirão e mais tarde magnificarão às do professor. No colégio particular de Mendive, chamado San Pablo, Martí aprende sobre tertúlias literárias e políticas. Certa vez, o professor (que era tradutor de Moore) o surpreenderia vertendo *Hamlet* ao espanhol às escondidas. Tinha então 13 anos.

Quando Martí tinha 15 anos, em 10 de outubro de 1868, estourava no povoado de Yara a primeira guerra cubana contra a Espanha, que se estendeu por 10 anos. Ainda que filho de espanhóis, Martí, o discípulo predileto do *criollo* Mendive, aderiu desde o primeiro momento à “causa de Yara”. Ele então publica, clandestinamente, seu soneto “*El diez de octubre*”; edita, em princípios de 1869, primeiro *El Diablo Cojuelo* e, depois o “semanário democrático cosmopolita” *La Pátria Libre*, que não ultrapassa o primeiro número. Neste último, dá a conhecer seu poema dramático *Abdala*, “escrito expressamente para a pátria”. Ao alcançar os 16 anos, este homem de grande destino escreve a profecia de sua vida. O jovem Abdala deve defender sua pátria, Nubia (clara alusão a Cuba), frente ao opressor, apesar dos rogos de sua irmã e de sua mãe, em cujos braços terminará por morrer. Abdala, em seu nome em castelhano, é Boabdil, *el Chico*, último rei de Granada que combateu contra os conquistadores da América, os Reis Católicos. À mãe, que tenta em vão detê-lo, Abdala explica:

*El amor, madre, a la patria
No es el amor ridículo a la tierra,
Ni a la yerba que pisan nuestras plantas;
Es el odio invencible a quien oprime,
Es el rencor eterno a quien la ataca;
Y tal amor despierta en nuestro pecho
El mundo de recuerdos que nos llama
A la vida otra vez...²*

Em seguida, os acontecimentos se aceleram. O colégio de Mendive será fechado; o professor é primeiro encarcerado e depois deportado. Por um incidente menor, os “voluntários” espanhóis – organizados para combater os cubanos – penetram na casa de seu fraternal amigo Fermín Valdéz Domínguez e encontram ali uma carta em que se acusava um

² “O amor, mãe, à pátria, não é o amor ridículo à terra, nem à erva que pisam nossas plantas; é o ódio invencível a quem a oprime, é o rancor eterno a quem a ataca; e tal amor desperta em nosso peito um mundo de recordações que nos chama à vida outra vez” (Nota da tradutora – N.T).



co-discípulo de apostasia (heresia) por haver ingressado no corpo de voluntários. A carta está assinada por Martí e Valdéz Domínguez. Em 21 de outubro, ambos são presos. No julgamento, quase cinco meses depois, Martí reivindica energicamente a paternidade da carta e o direito de Cuba à sua independência. É condenado a seis anos de prisão. Um mês depois o conduzem para realizar trabalhos forçados em uma pedreira e, seis meses mais tarde, por gestões do pai com o arrendatário das pedreiras, é enviado à Ilha de Pinos. Finalmente, ali se comuta a pena por desterro para Espanha, para onde partiria em 15 de janeiro de 1871. Ao cumprir 18 anos, Martí já esteve um ano na prisão. Horas antes de tomar o barco, escreve a Mendive: “Sofri muito, mas tenho convicção de que soube sofrer. E se tive forças para tanto e se me sinto com forças para ser verdadeiramente homem, só devo isso a você e é seu, só seu, o quanto de bom e carinhoso tenho”. No mar, redige sua primeira obra de envergadura: sua extraordinária autodefesa [alegato] *El presidio político en Cuba*, que publicará em Madri ainda esse ano. Em um tom ao mesmo tempo realista e simbólico, impregnado de sabor bíblico, o jovem denuncia a espantosa situação do presídio político em Cuba. Martí sai de Cuba já formado, apesar de seus poucos anos. Sua precocidade genial e as tremendas provas a que foi submetido fazem dele um homem maduro quando abandona o país. Depois vai aprimorar, mas não modificar suas atitudes e ideias básicas.

A vida na Espanha (1871-1874), ainda que dura, será importante para ele. Ali se reunirá com Valdéz Domínguez, também deportado depois de um processo iníquo que custou a vida de 8 inocentes estudantes de medicina. Enquanto ganha sua vida trabalhando, oferecendo aulas, estudará de maneira irregular o resto de seu secundário, junto com Direito, Filosofia e Letras nas universidades de Madri e Saragoça. Polemiza nos jornais sobre a questão cubana e em 1873 publica um novo opúsculo: *La república española ante la revolución cubana*, no qual convoca a nascente e rapidamente fracassada república espanhola a ser consequente com seus princípios no que toca a Cuba. Na Espanha, Martí se familiariza com os clássicos espanhóis, com seus pintores místicos e estóicos. Ali, nos dirá depois, “despetalou seu botão, a escassa flor da minha vida”.

Abandona a Espanha em fins de 1874. Conhece, de passagem a França. E marcha para o México, via Southampton e Nova Iorque. No México, se reúne enfim com sua família, que vai para lá com ele se encontrar; adquire amizades profundas, sobretudo a de Manuel Mercado; acaba por tornar-se jornalista e crítico; e conhece quem será sua esposa. Do México se separa do caudilhismo, como em outros países hispano-americanos por onde



passou. Por rechaçá-lo em um e outro lugar, abandonará o México, a Guatemala e a Venezuela, países em que viverá entre 1875 e 1881, com ocasionais estadias na Espanha, de onde será novamente desterrado (1879), Nova Iorque (1880) e na própria Cuba. Na Guatemala, será professor e escreverá seu panfleto *Guatemala* (1878). Na Venezuela, editará uma revista que só terá dois números: a *Revista Venezolana* (1881), onde já aparecem alguns dos seus trabalhos literários importantes. Em todos os lugares, é grande sua influência na juventude. Vai a Cuba em duas ocasiões: em 1877, quando visita Havana fugazmente usando seu segundo nome e segundo sobrenome (Julián Pérez); e em 1878, quando volta a seu país após renunciar à cátedra que desempenha na Guatemala, em solidariedade a um amigo deposto pelo tirano, e se depara com a trégua que se seguiu à guerra dos 10 anos. Lá Martí trabalha como ajudante de advogado. Mas, sobretudo, fala publicamente de suas simpatias revolucionárias e se mescla a atividades conspirativas, pelo que é deportado de novo à Espanha no ano seguinte (1879). Essa vez permanecerá só alguns meses na Espanha, de onde segue rota para outro exílio, passando em Nova Iorque e Caracas até voltar a Nova Iorque em 1881.

Sua existência andarilha não encontrará repouso senão a partir desta data, quando se fixa em Nova Iorque, cidade onde permanecerá até 1895, sem viajar ao estrangeiro nos primeiros anos e com saltos rapidíssimos, a partir de 1892, para México, Santo Domingo, Jamaica e América Central, já plenamente entregue à preparação da guerra. Esta vida contribui para apressar a infelicidade conjugal. Havia casado no México em 1877 com a cubana Carmen Zayas Bazán. Esperavam um filho, quando Martí renunciou seu posto na Guatemala e marchou de volta para sua pátria. Acabavam de dar à luz, quando Martí é deportado outra vez para Espanha. Em vão, a esposa, que não compreende a tarefa que Martí se impôs, pede um assentamento³. Rapidamente, o lar está danificado e ainda que existam esforços de reconciliação em torno ao filho, em 1890 a ruptura é definitiva. Naquele período, Martí se aproximou de outra mulher, viúva, em cuja casa de hóspedes tinha vivido em Nova Iorque, e cujos filhos considerará como seus: Carmen Miyares. A menor de suas filhas, María, provavelmente foi rebento carnal de Martí.

Ao mesmo tempo, as viagens a que Martí se viu obrigado (algumas vezes por desterro; outras para ganhar a vida sem dobrar-se aos caudilhos; outras, enfim, para preparar a

³ É digno de nota o desdém com o qual o autor se refere à esposa de Martí, como se a “grandeza da missão masculina” o desresponsabilizasse de qualquer outro dever (N.T.).



revolução), lhe permitem ter um conhecimento de primeira mão das realidades imediatas nas quais se move. Na Espanha, se incorpora ao mais vivo da sua tradição cultural, mas verifica a impossibilidade de que Cuba permaneça a ela unida: é outro país. Nas várias repúblicas latino-americanas que visita, se abre à compreensão de uma unidade maior, que ele chamará de “Nuestra América”, dentro da qual Cuba aparece articulada. Nos Estados Unidos, o país estrangeiro onde permanece mais tempo, se familiariza como o que chamará de “América europeia” e, sem deixar de reconhecer suas virtudes, vê espantado como reaparecem ali os vícios que acreditava terem deixado para trás na Europa, ratificando a diferença de estrutura e espírito entre as duas Américas. Ademais, e isso é o mais importante, Martí vive nos Estados Unidos quando a nação passa do capitalismo pré-monopolista ao capitalismo monopolista e imperialista, o que o levará inexoravelmente a lançar-se sobre o mundo; em primeiro lugar, sobre a América Latina e, em particular, sobre Cuba. O fato de que sua pátria permaneça colônia agudiza dramaticamente sua sensibilidade e sua compreensão sobre estes problemas.

Nos anos iniciais, ainda que compreenda rapidamente a realidade norte-americana, sua grande preocupação é a independência frente à Espanha. Em sua primeira estadia em Nova Iorque, em 1880, presidiu o Comitê Revolucionário Cubano de Nova Iorque, que proclamará a chamada “*Guerra Chiquita*”: mediante este movimento bélico, cujo chefe militar foi o general Calixto García, se tentou levar novamente a guerra ao país, mas este, fatigado depois de 10 anos de combate infrutífero contra Espanha, não estava ainda maduro para reiniciar o combate, de modo que a nova tentativa se extinguiu naquele mesmo ano.

No entanto, Martí não cessou seu empenho e prosseguiu dirigindo-se às grandes figuras da guerra passada, tentando estimulá-las a reiniciar a luta libertadora. Em 1884, seus planos parecem ao ponto de tornarem-se realidade. Martí se reúne em Nova Iorque com os generais Máximo Gómez, nascido em Santo Domingo, e Antonio Maceo. Ambos saíram da Guerra dos 10 Anos com enorme prestígio e simbolizavam a radicalização crescente que essa guerra conheceu por sua extração popular (ambos eram camponeses pobres e Maceo, além disso, negro). Naquela ocasião, contudo, os planos *martianos* não chegam a concretizar-se. Martí compreendeu que Gómez, atribuindo o fracasso da guerra às travas e ao caráter civil extemporâneo do governo em armas, pretendia dar um marcado caráter militar ao novo governo; e decide desvincular-se dos planos, por temor de levar sua pátria a uma variante estéril de caudilhismo que viu prejudicar outros países hispano-americanos. É uma dura decisão, que custa ao Martí os anos mais amargos da sua vida. Até 1887, permanecerá



voluntariamente às margens das tarefas concretas em favor da guerra da independência: tarefas que, por outro lado, não chegam a se materializar sem sua participação. Na ilha, enquanto isso, vai crescendo uma campanha autonomista que, se bem permite que independentistas velados se expressem, é índice sobretudo da atitude conciliadora, às vezes francamente reacionária, que assumiu a burguesia agrícola *criolla* à raiz da derrota de 1878.

Nesse momento, Martí já é o escritor de língua espanhola mais lido e admirado do continente. Sarmiento, a mais prestigiada figura da velha geração, ao recomendar a Paul Groussac sua tradução ao francês para torná-lo conhecido na Europa, lhe dirá: “Em espanhol, não há nada que se pareça ao uivo de Martí e, depois de Victor Hugo, nada na França possui essa ressonância metálica”. E isso apesar de que Sarmiento discrepava do juízo áspero que Martí fazia sobre os Estados Unidos. Quando à geração mais jovem, Rubén Darío disse sobre ele, em 1888: “escreve, ao nosso juízo, mais brilhantemente que qualquer um da Espanha ou da América”.

Martí havia feito jornalismo durante sua estadia no México. Nos Estados Unidos, escreveu *The Sun* e *The Hour*, diretamente em inglês ou em francês para ser traduzido ao inglês. Mas foi graças à sua colaboração em jornais de língua espanhola, uma vez fixado em Nova Iorque, que sua fama cresceu pela América espanhola. Uma vintena de jornais do continente difunde seus trabalhos. Martí escreve em forma de “cartas” suas *Escenas norteamericanas*, crônicas em que apresenta a ciclópica realidade do país, traça retratos admiráveis e, sobretudo, adverte e previne.

Ainda que sejam suas colaborações jornalísticas as que o tornem amplamente conhecido, Martí publicou também uma coletânea de versos, *Ismaelillo*, em 1882, em edição do autor; e o romance *Amistad funesta*, que escreveu sob encomenda em somente uma semana e divulgou com pseudônimo em 1885, via entregas. Também realizou diversas traduções. Deixará sem publicar, dessa época, seus *Versos libres e Flores del destierro*, coleções poéticas para as quais escreveu respectivos prólogos.

Em 1887, considera novamente propícia a situação para tentar uma aproximação entre os exilados. Os convida a celebrar dignamente o aniversário de 10 de outubro. Em uma sala em Nova Iorque, como ocorrerá nos anos seguintes, se dirige aos emigrados ali reunidos. Em 1880, havia falado em “animar os que acreditam com a boa nova”; saúda agora o “religioso entusiasmo” e evoca “o júbilo santo dos exércitos da liberdade”. Martí eletriza seu público com uma palavra encrespada, flamejante de metáforas, que nunca descem ao vulgar e sempre



fascinam. É mais difícil em sua oratória que na sua poesia, mas o entendem: é comovente. A reação dos ouvintes é fervorosa. Martí então dirige uma carta, assinada por ele e outros cubanos, ao general Máximo Gómez, consultando sobre sua disposição para lutar (estava ainda viva a ferida da separação, três anos antes). Gómez responde laconicamente, reiterando que sua espada está a serviço de Cuba. A possibilidade conspirativa voltava a se abrir.

Ao mesmo tempo, a fama continental de Martí continuava crescendo e seus trabalhos se multiplicam. Em 1888 é nomeado representante da Associação da Imprensa de Buenos Aires nos Estados Unidos. No ano seguinte, lhe cai no colo a inesperada tarefa de escrever integralmente uma revista para crianças, *La edad de oro*, das quais só quatro números vieram à luz, “porque por crença ou por medo ou por comércio”, dirá mais tarde Martí em carta a um amigo, “o editor queria que eu falasse do ‘temor a Deus’ e que o nome de ‘Deus’ e não a tolerância do espírito divino estivessem em todos os artigos e histórias”. Aquele gigante, em meio a tormentas, se inclina a falar com crianças para lhes explicar, como um professor paternal, coisas de história e de ciência, para lhes contar poesias que anunciam seus *Versos sencillos* e acostamá-los à justiça, à beleza, ao amor à sua pátria hispano-americana e aos humildes.

Em fins da década de 1880, os que até então pareciam somente temores de Martí sobre a atitude norte-americana em relação à outra América, começam a tornar-se uma realidade visível para todos. Em 1889, Martí responde com energia contra o jornal *The Manufacturer* que, com beneplácito da imprensa estadunidense, expressava seu desdém pelos cubanos. Contudo, o mais memorável durante o inverno de 1889-1890 foi a convocatória feita por Washington para a Primeira Conferência de Nações Americanas. Apenas Santo Domingo se absteve de ir. Embora sem participação direta, Martí assiste cheio de ansiedade àquele conclave do qual sairia, no futuro, a política do pan-americanismo, a Organização de Estados Americanos... No prólogo de seus *Versos sencillos*, nos falava “daquele inverno de angústia em que, por ignorância, ou por fé fanática, ou por medo, ou por cortesia, se reuniram em Washington, sob a terrível águia, os povos hispano-americanos. Qual de nós esqueceu aquele escudo, o escudo da águia de Monterrey e de Chapultepec, da águia de López e de Walker, que esmagava em suas garras todos os cantos da América? Vivi aquilo com agonia, até que pude confirmar a cautela e o brio de nossos povos; e o horror e a vergonha em que estive, com legítimo temor de que pudéssemos nós, os cubanos, com mãos parricidas, ajudar o plano



insensato de apartar Cuba da pátria que almeja e nela se completa, a pátria hispano-americana, em benefício exclusivo de um novo amo dissimulado...”.

Martí adoeceu daquela ansiedade. “O médico me mandou para montanha”, dirá em continuação. “Corriam os riachos e se fechavam as nuvens: escrevi versos”. Com efeito, o lutador escreve ali seus *Versos sencillos*, que publicará em 1891, de novo em modesta edição de autor. O homem múltiplo, o barroco, o que se prepara para a guerra tremenda, escreve octossílabos singelos; cheios, porém, desta estranha complexidade do popular.

Em 1890, a pluralidade de tarefas de Martí é francamente assombrosa. Torna-se cônsul da Argentina, Uruguai e Paraguai em Nova Iorque, é eleito presidente da Sociedade Literária Hispano-Americana e presidente honorário da Liga, sociedade de negros na qual servirá também como professor. Ademais, oferece aulas de espanhol em uma escola noturna. No final desse ano, Uruguai o nomeia seu representante na Conferência Monetária Internacional Americana, que terá lugar também em Washington. Na conferência, Martí se choca oficialmente com o critério norte-americano. É uma das figuras mais ativas e responsável pela derrota da tese dos Estados Unidos. Queriam eles, os máximos produtores de dinheiro, que se aceitasse o bimetalismo nas moedas, o que contrariava os países europeus que tinham se oposto anteriormente, como a Inglaterra. Washington pretendia agora agenciar a participação das nações hispano-americanas para apresentar novamente sua demanda. Mas isso apressaria que estes países ficassem quase exclusivamente vinculados aos Estados Unidos e distanciados dos países europeus, cuja relação era proveitosa para a Hispano-América. Martí adverte: “Nem nos acordos da moeda, que é o instrumento de comércio, pode um povo saudável prescindir – para acatar a um país que nunca o ajudou, ou só o ajuda por emulação e medo do outro – das nações que lhes antecipam o caudal necessário para suas empresas, que lhes obrigam o carinho da sua fé, que o esperam nas crises e lhe dão formas de delas sair, que o tratam como par, sem desdém arrogante e lhe compram seus frutos”.

Em 1891, as condições internas de Cuba anunciam a proximidade de um novo levante militar. É mister encontrar sustentação para a “guerra necessária”, ou será novamente infrutífera. Martí vai dedicar-se inteiramente à tarefa revolucionária. Em maio, publicou *La Nación*, sua última correspondência. Em outubro, renunciou aos consulados da Argentina, Uruguai e Paraguai e, pouco depois, à presidência da Sociedade Literária Hispano-Americana. Para viver, conserva somente suas aulas noturnas de espanhol. O raio de sua influência pessoal fascinante vai se abrindo para além de Nova Iorque: os emigrados cubanos residentes



em Tampa, tabaqueiros em sua maioria, demandam sua presença. Chega lá em 25 de novembro. No dia seguinte, pronunciou um discurso que era já uma visão radiante da república futura. Os ânimos estavam exaltados e vibrantes. Sentia-se o vento da guerra. No 27º aniversário do fuzilamento dos estudantes de 1871, seu discurso foi um canto à vida que se alçava flamejante das tumbas, já não era mais uma evocação de luto. Os tabaqueiros da região de Cayo Hueso, outro albergue da diáspora cubana, querem igualmente tê-lo entre eles. O Natal chega ao Cayo. Ali também sua palavra comoverá e será imantada sua presença. Fica decidido que os diversos clubes de emigrados cubanos que foram surgindo ao calor da revolução, se integrem em um organismo unificador, e Martí se encarrega de redigir as bases desse organismo. Em 5 de janeiro são aprovadas, em Cayo Hueso, as *Bases del Partido Revolucionário Cubano*. Menos que um partido político, no sentido atual do termo, se tratava da reunião de “todas as associações organizadas de cubanos independentes que aceitem seu programa e cumpram com os deveres nele impostos”, como diziam explicitamente os *Estatutos secretos*. É uma organização de frente única, em que moderados e radicais se juntam pela tarefa imediata de tornar Cuba independente. Martí volta alegre para Nova Iorque no início de 1892. Lá, depois de uma ácida polêmica, mas de feliz conclusão, prossegue a rápida organização do partido, cuja proclamação acontece dia 10 de abril. Martí é eleito porta-voz do partido e depois será reeleito até sua morte.

Para dotar o partido de um veículo oficial, naquele ano Martí funda o jornal *Patria*. No primeiro número se apresentam as bases do partido e o artigo programático “Nuestras ideas”. Até sua morte, em 1895, Martí terá, anonimamente, o maior peso na redação desse órgão, que constitui um dos mais singulares exemplos de jornalismo. O enorme escritor aborda tanto o artigo de fundo, como a pequena nota de circunstância – como na seção “En casa” – alusiva a um casamento ou uma visita, em que vai apresentando o romance da realidade diária da emigração cubana com uma luz quase mítica.

Sua tarefa organizativa só vai aumentando. Volta para Flórida e, estruturada a futura revolução, viaja para Santo Domingo para conversar com Máximo Gómez, que mostra seu inteiro acordo com a guerra iminente. Martí publica então, em *Patria*, a carta pública em que o convida a encabeçar a luta militar, “hoje não tenho outra remuneração para lhe oferecer que não o prazer do sacrifício e a provável gratidão dos homens”.

No ano seguinte, quando já percorreu a Jamaica e a costa atlântica dos centros de refugiados, volta a Santo Domingo e se desloca para Costa Rica para encontrar Maceo. É



nesse ano febril que, de passagem por Nova Iorque, vê pela única vez a Ruben Darío, a quem chama, emocionado, de “filho”.

No ano seguinte, 1894, é Gómez quem vai à Nova Iorque. Os cubanos da grande cidade sentem, diante dessa conjunção, a iminência da guerra. Martí viaja ao México para arrecadar auxílios e fundos.

A guerra é questão de dias, quando rompe o ano de 1895. Mas em 10 de janeiro, uma notícia estremece Martí: três barcos carregados de armas com destino a Cuba, cuja compra havia consumido boa parte dos fundos recebidos durante três anos, são apreendidos no porto Fernandina, da Flórida. Ocorreu um deslize, quando não uma traição, por parte de um dos homens que atuava na compra. Por um momento, Martí fica temeroso. Porém, um advogado norte-americano amigo seu consegue recuperar o carregamento de armas. Ademais, a reação na ilha e dos emigrados era de entusiasmada surpresa ao conhecerem a magnitude dos preparativos. Martí se recompõe em seguida. Em 29 de janeiro, ordena o levante para as próximas semanas. No 30, parte de Nova Iorque para se encontrar com Gómez. No 24 de fevereiro, eclode a guerra. No dia 25 de março, Gómez e Martí lançam o *Manifiesto de Montecristi* (chamado assim pelo lugar em Santo Domingo onde foi assinado), explicando ao mundo que “a revolução de independência iniciada em Yara, depois de gloriosa e cruenta preparação, entrava em Cuba em um novo período de guerra, em virtude de ordem e acordo do Partido Revolucionário no estrangeiro e na ilha e da exemplar congregação de todos os elementos consagrados ao saneamento e à emancipação do país, para o bem da América e do mundo...”.

No dia 11 de abril, abandonam a terra haitiana rumo à Cuba. São acompanhados por quatro revolucionários. Depois de uma viagem azarada, em que o pequeno bote que os conduz ameaça naufragar, chegam em Cuba pela madrugada, na zona chamada Playitas, ao sul do Oriente. Adentram às montanhas e estabelecem rápido contato com os insurgentes. No dia 14 de abril, Martí é nomeado Major General. Nas cartas em seu *Diario*, a alegria o inunda: “Cheguei, enfim, à minha plena natureza... Só a luz é comparável à minha felicidade. Até hoje, não me senti homem. Vivi envergonhado e arrastando as correntes da minha pátria, toda minha vida. A divina claridade da alma torna meu corpo mais leve; esse repouso e bem-estar explicam a constância e o júbilo com que os homens se oferecem em sacrifício. É um grande o gozo viver entre homens na hora de sua grandeza”. Nem tudo nesses dias, porém, é esplendor. Maceo, que chegou depois à ilha, se reúne com Martí e Gómez em 5 de maio, no



sítio La Mejorana. Falam da organização da guerra, mas Maceo e Martí discutem. Volta a aparecer aquela velha discrepância entre o mando militar e o mando civil da revolução. Depois, Gómez arrancaria a página do *Diario*, em que Martí narrava o encontro. Mas a tese de Martí se impõe. Se fala em levar a guerra ao outro extremo da ilha (o que se conseguirá no ano seguinte). Onde quer que cheguem, chamam a Martí de “presidente”. No dia 18 de maio, Martí começa a escrever uma carta que ficou inconclusa a Mercado, explicando já abertamente a grande tarefa que se impôs: lutar contra a Espanha e deter os Estados Unidos. No dia 19, num lugar chamado Dos Ríos, uma pequena armadilha os surpreende. Contrariando a ordem de Gómez, de manter-se na retaguarda, Martí avança para primeira linha ao lado seu ajudante Ángel de la Guardia. Tomba ferido de morte. Os espanhóis o levam e o enterram longe. Morreu como queria, “com a cara ao sol”.

Ao tomar conhecimento da notícia de sua morte, Charles A. Dana, diretor do *The New York Sun*, escreve em seu jornal: “soubemos, com amargo pesar, da morte em campanha de José Martí, conhecido chefe dos revolucionários cubanos. O conhecemos muito bem e o estimamos profundamente. Por um dilatado período, que remonta aos seus 21 anos, foi colaborador do *The Sun* (...). Foi homem de gênio, de imaginação, de esperança e de coragem (...). Seu coração era cáldido e amoroso; suas opiniões, ardentes e ambiciosas. Morreu como um homem assim deseja morrer, batalhando por liberdade e democracia (...). Honra à memória de José Martí e paz à sua alma viril e generosa!”.

Em *La Nación*, de Buenos Aires, Rúben Darío se lamenta: “Oh, professor, o que você fez!”. E registrava seu tributo exaltado: “O cubano era ‘um homem’. Mais ainda: era como deveria ser o verdadeiro super-homem: grande e viril, conhecedor do segredo de Sua Excelência, em comunhão com Deus e com a Natureza”.

E seu companheiro de guerra, Máximo Gómez, o evocará naqueles impressionantes dias finais: “E eu vi Martí atravessando as abruptas montanhas de Baracoa, com um rifle ao ombro e uma mochila nas costas, sem queixar-se nem ajoelhar-se, como um velho soldado batalhador, acostumado à marcha tão dura através daquela natureza selvagem, sem outro amparo além de Deus. Depois de todo esse martirizante calvário e quando o sol iluminava as vitórias, começou a iluminar nossa sementeira, eu vi José Martí – oh! Que dia, aquele! – ereto e elegante em seu cavalo de batalha, em Boca de Dos Ríos, como um cavaleiro, rodeado de valentes soldados que a história nos fará recordar cobertos de glória nos pampas da Venezuela”.



O próprio Martí, ao falar de grandes personagens, havia antecipado seu próprio epitáfio. Quando morreu Emerson, Martí escreveu essa frase, que merecia ser inscrita na sua própria tumba, errante e quase esparramada: “nele, foi inteiramente digno o ser humano”.

Martí e o “terceiro mundo”

Para compreender José Martí, é preciso primeiro situá-lo dentro da família que lhe corresponde verdadeiramente. Começemos pelo negativo. Essa família não é a de seus aparentes coetâneos europeus e norte-americanos. Se por algumas de suas deslumbrantes visões poéticas se tentasse aproximá-lo de certos pós-românticos e simbolistas, logo compreendemos que sua estirpe é outra. Pensemos em Baudelaire, em Mallarmé, em Rosetti, ou até mesmo em Rimbaud, e recordemos depois que este homem anda organizando uma guerra, dialogando com os humildes, buscando derrubar um império, prevendo o crescimento de outro, galopando em um cavalo até sua morte. E se, considerando que é um conspirador e um político, tentamos encontrar um equivalente em algumas das grandes figuras políticas europeias ou norte-americanas de seu tempo, não tarda em diferenciar-se, interessado nos pintores impressionistas e em Wilde (ao mesmo tempo, e sobretudo, em Withman), publicando um admirável conjunto de versos quatro anos antes de desatar a revolução, ou confessando a um amigo íntimo: “quero ter sempre junto a mim, cor, brilho, graça e elegância. Um objeto feio me dói, como uma ferida. Um objeto belo me consola como um bálsamo”. E isso em todo momento da sua vida. No campo de batalha, há poucos dias que ele está das vésperas da sua morte, escreve febrilmente seu deslumbramento ante a natureza, ante a noite atemorizante, ante os minúsculos detalhes da vida. Martí não concorda, pois, com a maneira de ser dos “ocidentais” de seu tempo. Com efeito, *não é um deles*.

Não cabe a menor dúvida de que a extraordinária riqueza, a maior qualidade de tudo o que Martí fez, devemos creditá-la ao seu prodigioso gênio pessoal. Mas o viés de sua obra, assim como a pluralidade de funções por ele desempenhadas, é atribuível à uma condição extra-pessoal (se é que é possível fazer tais distinções, com muitas reservas): bastará situar Martí dentro de sua verdadeira família, para que isso fique claro. Martí pertence, por obra do destino e por consciente aceitação, a *outro mundo*. É nele que é preciso enxergá-lo para compreender melhor sua tarefa, seus propósitos e seus caracteres. Não é com os homens das nações capitalistas “desenvolvidas” com quem o devemos comparar, mas sim com os das



nações coloniais e semicoloniais que foram chamadas de “subdesenvolvidas” ou do Terceiro Mundo. Martí é um dos primeiros homens desse Terceiro Mundo.

Quando o situamos em sua verdadeira família, compreendemos rapidamente suas atividades, tão surpreendentes em uma nação capitalista desenvolvida hoje, como em seu tempo. Ali, uma progressiva divisão do trabalho acabou por especializar seus homens. Não era assim, contudo, antes da revolução industrial e da conquista do poder político pela burguesia. Os homens representativos do Renascimento, por exemplo, consideravam natural ocupar-se de múltiplas funções, às vezes de difícil conciliação. Outra coisa ocorre hoje nas nações subdesenvolvidas, que, nesta e em tantas outras dimensões, não podem ser mecanicamente comparadas com as outras nações apenas porque parecem contemporâneas. Carecem dessa especialização, dessa fragmentação que é característica da Europa e dos Estados Unidos; tampouco conhecem a revolução industrial, nem o desenvolvimento da burguesia. Além disso, são ou acabam de tornar-se nações coloniais ou *cripto-coloniais*. Uma zona de sua intelectualidade se coloca a serviço direto ou indireto do poder metropolitano e tenta caricaturizar suas formas. Mas outra zona, a verdadeiramente representativa, utiliza seus conhecimentos para servir ao seu povo. Estes conhecimentos, pela pobreza do desenvolvimento do país e por sua condição colonial, são escassos e pouco diversificados. Se concentram nos mesmos homens que são, ao mesmo tempo, literatos, professores, políticos, cientistas. (Os estudos científicos, pouco requeridos pela sociedade pré-industrializada, vão a reboque dos outros). Aparecem como diletantes aos olhos dos metropolitanos contemporâneos, que estão já fragmentados de tal modo que um é crítico de arte e outro de literatura, para não falar do literato, o cientista, o político.

No caso de José Martí, seu próprio postulado, a encarnação de um povo, ao contrário do que alguns possam pensar, é um incentivo para esta diversidade de atividades. Martí reúne uma soma de saberes e de ofícios, não as expensas de sua atividade política, nem vice-versa, mas sim como partes essenciais de um mesmo todo. É um fundador, um sábio, um poeta, porque é um dirigente revolucionário.

Sobretudo, não podemos tomar fragmentariamente sua tarefa, mas sim tentar vê-la na sua totalidade. E a tarefa concreta da vida de Martí foi rechaçar, na teoria e na prática, “o pretexto de que a civilização, que é o nome vulgar para o atual estado do homem europeu, tem direito natural a apoderar-se da terra alheia, pertencente à barbárie, que é o nome que os que desejam a terra alheia dão ao estado atual de todo homem que não é da Europa ou da América



européia: como se, cabeça por cabeça, coração por coração, valesse mais um destruidor de irlandeses ou matador de soldados otomanos⁴, do que um destes prudentes, amorosos e desinteressados árabes, que sem castigar-se pela derrota ou acovardar-se frente a um número, defendem sua terra pátria com a esperança em Allah, com uma lança em cada mão e uma pistola entre os dentes”.

O outro grande criador da América Latina, Simón Bolívar, via que “somos um pequeno gênero humano”: que não somos o prolongamento ou o eco da Europa, mas outra coisa, outro mundo. Martí vai mais longe que Bolívar, ao reparar não apenas nessa diferenciação, mas também no parentesco estrutural que nos une a outras sociedades do planeta: nesse sentido, é provavelmente o primeiro a destacar a unidade de problemas do humano “que não é da Europa ou da América europeia”. E isso em um momento no qual este fato estava longe de carregar a evidência que tem hoje. Basta reparar os distintos termos com que o capitalismo designou as nações coloniais ou semicoloniais para disso se aproveitar. Nos tempos de Martí, eram “a barbárie”, a seco. Durante a primeira guerra mundial, passou a serem “os povos de cor”. Da segunda guerra mundial, saíram como “países subdesenvolvidos” ou como “terceiro mundo”, denominação que, por mais enganosa que seja, supõe um paulatino, mas evidente processo de melhoramento (e é menos enganosa que outra, que não vingou, de “nações proletárias”)⁵.

Martí reivindica sua condição de integrante da “barbárie”. Depois, falará da sua “América mestiça” aproximando-se da segunda denominação: mas com orgulho, não com desdém; anunciando, por tanto, ao Vasconcelos de *La raza cósmica*, não ao pré-hitlerista

⁴ No original, “*cipayos*” (N.T).

⁵ Claro que tais denominações, provenientes de países capitalistas, são interpretações *pro domo sua* [em causa própria, N.T.], que desviam a atenção do fato central: aqueles são simplesmente os países assolados pelo colonialismo e imperialismo. A denominação mais recente, a de Terceiro Mundo, parece ter sido estreada por Alfred Sauvy em 1956, em analogia com o “Terceiro Estado” de 1789. Em 1960 começou a se publicar em Paris a revista *Tier Monde. Problèmes des pays sous-développés* (Terceiro Mundo. Problemas dos países subdesenvolvidos). Nesse sentido, empregamos o termo como sinônimo das denominações anteriores e com as reservas assinaladas. Já em *El otro Mundo (Papelería, La Habana, 1962)*, falávamos da impossibilidade de que esse Terceiro Mundo se situasse entre num extremo o capitalismo e no outro o socialismo. A via socialista é hoje, já não somente de países europeus desenvolvidos, mas também de outros países extra-europeus que estão saindo do subdesenvolvimento, como China, Coréia, Vietnã, Cuba, Argélia, sem dúvida países do Terceiro Mundo. De muitos outros países desse mundo, não se poderia dizer acertadamente que estão “à margem” do capitalismo: formam parte de seu sistema, de uma ou outra maneira e costuma provê-lo como “proletariado externo” – nos valendo, com conteúdo distinto, da equivocada expressão de Toynbee –; ainda que cada vez menos, a medida em que progride a descolonização, a qual fará recair o peso total da exploração capitalista sobre o “proletariado interno” e, permitirá a revolução nos países capitalistas mais desenvolvidos.



Spengler⁶. E quem são seus pares? Homens como Sun Yat-sen (1866-1925), na China; como Gandhi (1869-1948), na Índia; como os dirigentes da revolução mexicana de 1910: todos posteriores a ele. É significativo que o primeiro a reparar nas semelhanças entre Martí e Sun Yat-sen tenha sido o fundador do Partido Comunista Cubano, Julio Antonio Mella (1903-1929); enquanto quem o aproximou de Gandhi, ainda que não por razões políticas, foi Gabriela Mistral (1889-1957). O parentesco com a Revolução Mexicana é mais direto e disso estiveram conscientes não poucos de seus protagonistas, que desenvolveram e utilizaram as ideias de Martí, como o próprio José Vasconcelos (1881-1959) em seus primeiros momentos.

No entanto, os estudiosos de Martí costumaram esquecer este parentesco essencial, que tanta luz lança sobre a obra martiana; e ao fim e ao cabo, é precisamente essa luz que deve ser entendida. A missão de José Martí foi, no imediato, tornar Cuba e Porto Rico independentes das mãos espanholas, completando assim a secessão da América Espanhola: o que parece meramente o último capítulo da independência americana frente à Espanha, isto é, da façanha bolivariana. Mas o longo hiato entre a guerra no continente e a guerra que Martí prepararia não transcorre em vão. Nem as classes que estão a frente dessa guerra em Cuba serão as mesmas que no resto do continente; nem a vizinhança e o crescimento dos Estados Unidos podem passar sem consequências. As classes cubanas revolucionárias já são, em 1895, equivalentes às que desataram e mantiveram a guerra contra a Espanha na América do Sul. Seus pares guerrearam em Cuba volumosamente entre 1868 e 1878. E adiante, a burguesia agrícola cubana se retrai e sonha, inclusive, com um acordo com a Espanha; ou ainda, se for o caso, com os Estados Unidos. São a pequena burguesia, os pequenos proprietários, os profissionais, os tabaqueiros, a incipiente classe operária em geral; os camponeses pobres, os escravos recém liberados, quem levarão o peso dessa guerra popular preparada por Martí e mais parecida, por isso, às revoluções que realizam China e México no começo do século XX. Ademais, Martí aspira a deter, com a independência de Cuba, o transbordamento do imperialismo norte-americano sobre o continente e, depois, sobre o mundo. “Cuba e Porto Rico”, escreve, “entrarão à liberdade com *composição* muito diferente e em uma *época* muito distinta e com *responsabilidades* muito maiores que os demais povos hispano-americanos”⁷. E mais adiante: “as Antilhas são o fiel da balança da América, que, se escravas, seriam a ponta de lança da guerra de uma república imperial contra um mundo invejoso e superior que

⁶ Se refere ao antropólogo mexicano José Vasconcelos, por um lado; e ao historiador alemão, Oswald Spengler, por outro (N.T.).

⁷ Sublinhado por mim, R.F.R.



se prepara para lhe negar o poder – mera fortaleza da Roma americana –; e se livres – e dignas de sê-lo pela ordem de uma liberdade equitativa e trabalhadora – seriam a garantia do equilíbrio no continente, da independência da América espanhola ainda ameaçada e da honra para a grande república do norte, que no desenvolvimento do seu território – por desgraça feudal e já repartida em segmentos hostis – encontrará uma grandeza mais segura que a desleal conquista de seus vizinhos menores e a batalha desumana pela sua possessão que abriria contra as potências do globo pelo predomínio do mundo... É um mundo que estamos equilibrando: não são apenas duas ilhas, estas vamos libertar”.

Um pouco mais de um ano depois de escrever isso confessava, às vésperas de sua morte, na dramática carta a seu amigo Manuel Mercado: “Já estou todos os dias em perigo de dar minha vida por meu país e por meu dever – posto que o entendo e tenho ânimos de realiza-lo –, de impedir a tempo, com a independência de Cuba, que os Estados Unidos se estendam pelas Antilhas e recaiam com mais força sobre nossas terras da América. Tudo o que fiz até hoje, e ainda farei, é para isso. Em silêncio, teve de ser, e quase indiretamente, porque há coisas que para serem conquistadas precisam andar ocultas, e proclamá-las pelo que são levantaria dificuldades demasiado intensas para serem ultrapassadas”.

Estas palavras sustentam a bonita e desmesurada ambição do *Manifiesto de Montecristi*, em que Martí anuncia ao mundo, em 25 de março de 1895, a guerra por Cuba: “a guerra de independência de Cuba, nó górdio das ilhas que, em poucos anos, serão cruzadas pelo comércio dos continentes, é tarefa de grande alcance humano e é serviço oportuno que de um heroísmo criterioso que as Antilhas prestam à firmeza e trato justo das nações americanas e ao equilíbrio ainda vacilante do mundo...”.

A morte de Martí, no começo da guerra, o impediu de ver a frustração momentânea destes planos grandiosos. Não obstante, a independência de Cuba, ainda que limitada, foi obtida. Sem ela, é bastante provável que Cuba fosse até hoje uma colônia mais ou menos metafórica, como Porto Rico. Mas a ilha, tal como ele havia temido, serviu de ponte para expansão dos Estados Unidos, que além de mediar a independência de Cuba, guardaram inteiramente para si outras possessões, como o próprio Porto Rico e as Filipinas, que também desenvolvia uma poderosa guerra de libertação nacional. A intervenção norte-americana na guerra hispano-cubana, em 1898, inaugura um novo período na história. Pela primeira vez antes da atual revolução, Cuba aparece aos olhos do mundo como *locus* essencial: sobre sua terra se abre a aventura imperialista. Já na segunda linha do livro clássico de Lênin,



Imperialismo, etapa superior do capitalismo (1917), é mencionada a guerra “hispano-americana” como preâmbulo de uma época.

Para Rubén Darío, aquele homem genial, o único hispano-americano que ele admirava sem reservas, havia sacrificado sua vida em uma causa menor, a independência de uma ilha na qual por acaso havia nascido. Que diria o grande poeta se houvesse reparado que Martí, na realidade, se propunha nada menos que salvar a todo continente, e inclusive *contribuir ao equilíbrio ainda vacilante do mundo?* Provavelmente ninguém em sã consciência, com meios tão exíguos (a ilha de Cuba tinha então pouco mais de um milhão e meio de habitantes), se havia proposto jamais a uma façanha tão desmedida. Ele teme, evidentemente, que os outros países do continente não secundem (ou inclusive, não compreendam) sua tarefa; mas na própria carta a Mercado, um inestimável documento, Martí confia: “as mesmas obrigações menores e públicas dos povos - como o seu e o meu - mais vitalmente interessados em impedir que em Cuba se abra o caminho que lhes cegará, e com nosso sangue já se está cegando, o caminho da anexação dos imperialistas e dos espanhóis, da anexação dos povos de nossa América ao norte atormentado e brutal que os despreza, lhes impedia a adesão ostensiva e ajuda patente a este sacrifício, que se faz pelo bem imediato. Vivi no mostro e lhe conheço as entranhas: minha arma é a de David”.

Nessa tarefa (e conseqüentemente no pensamento) de Martí há uma universalidade que lhe vem de várias realidades específicas: enquanto no imediato a guerra de Cuba se organiza contra a Espanha, na mediação tenta prevenir a expansão dos Estados Unidos; se é a última guerra americana contra o velho colonialismo, capitaneado no mundo moderno pela Espanha, é também o primeiro movimento concreto contra o nascente imperialismo encabeçado na Idade Contemporânea pelos Estados Unidos. Isso dá uma amplitude única ao processo desatado por Martí e ao seu pensamento, aberto em amplo arco. Martí compreendeu uma tensão histórica que a nenhum outro hispano-americano foi possível viver: conclui a obra do século XIX enquanto prepara e inicia a do XX. Arremata a secessão política e anuncia a econômica. Abarca a totalidade da experiência material e espiritual dos seus povos. Os vê no lugar verdadeiro de sua história e os encabeça. Não podemos conjecturar como haveria sido um Martí à margem dessa precisa localização, um Martí utópico e acrônico, como alguns sugeriram: esse homem não existe.



Nuestra América

Essa universalidade de pensamento de Martí não é uma vaga generalidade de papel, que confunde aquilo que seriam as formas de uma classe ou de um povo com as formas do humano. Ao contrário: esse indignado partia da certeza do caráter distinto e original de seu âmbito histórico. Esse âmbito histórico não está restrito à sua ilha. Na realidade, a condição ostensivamente fragmentária da ilha o conduz a considerar como ela se articula no seio de conjuntos maiores. “Pátria é Humanidade”, dirá. Mas não confunde o conjunto maior imediato com a hipóstases de uma realidade europeia que se jacta de universalidade. Não incorre, como Sarmiento, no erro de tomar por “civilização” as instituições e hábitos próprios de outras terras e de outras realidades (dos países desenvolvidos), que é necessário impor a sangue e fogo nestas terras (esse foi, afinal, o critério dos conquistadores espanhóis). Na contraposição “civilização” contra “barbárie”, já vimos Martí tomar partido da “barbárie”. Nesse sentido, é preciso ir a fundo nestes termos para que sejam entendidos em seu sentido preciso⁸. Martí o aborda com igual clareza quando, ao invés da pugna de duas instâncias interiores, se trata do enfrentamento de dois mundos. Assim discursou aos delegados hispano-americanos na Conferência Internacional Americana, convocada em Washington em 1889 (que tanto lhe preocupou): “Por maior que seja essa terra, e por unvida que esteja para os homens livres da América em que nasceu Lincoln, para nós, no segredo do nosso peito, sem que ninguém nos ouse tachar nem nos possa levar a mal, é maior a América em que nasceu Juárez, porque é a nossa e porque foi mais feliz”.

No século XX, se ouvirá com frequência uma linguagem similar na América Latina, na Ásia, na África, na qual, à primeira vista, não deixa de surpreender. “A América em que nasceu Juárez [o índio Juárez, não o esqueçamos, que derrotou os europeus] é maior porque é a nossa e *porque foi mais infeliz*”. É um raciocínio decolonial peculiar de homem humilhado, que iluminará não apenas o pensamento político de Martí, e que é característico dos países subdesenvolvidos. Nestas guerras de libertação nacional, como a que ele mesmo prepara, se supõe uma desafiante e ao mesmo tempo patética confiança em si mesmo; uma necessidade de enfatizar o genuíno, o autóctone, perante a penetração colonialista e imperialista. O próprio

⁸ Foi o próprio Martí quem esclareceu: “Não existe batalha entre a civilização e a barbárie, mas entre a falsa erudição e a natureza”.



é, para Martí, o mais próximo, Cuba, cuja história e cujas realidades exalta grandiosamente; e é maior o continente americano ao Sul do rio Bravo: “Nossa América mestiça”.

Se em toda sua obra há uma alusão constante a esta ideia, ela adquire máxima nitidez em seu texto fundamental, verdadeira Carta Magna dessa atitude: o trabalho que Martí chamou explicitamente de “*Nuestra América*”. Ali está a afirmação rotunda da originalidade de suas terras. Esta atitude é de importância capital, porque constitui a maior sustentação histórica do ideário martiano: é a partir dessa afirmação, dessa confiança, desse desafio, que se articula o resto de seu pensamento.

Martí é um nacionalista revolucionário, que não ignora as grandes realizações dos países metropolitanos, mas que tampouco desconhece suas limitações e crimes – como se os sentisse na própria carne. E para criar um país novo, livre da tutela destas nações, Martí deseja incorporar ao seu país, por um lado, tudo o que se acomode a seu espírito; e, por outro, a vivacidade das criações dos povos metropolitanos, enquanto joga fora tudo o que lhe é mortífero e nocivo: “a universidade europeia há de ceder à universidade americana. A história da América, dos incas daqui, é preciso ensiná-la de cor, ainda que não se ensine a dos baús da Grécia. Nossa Grécia é preferível à Grécia que não é nossa. Nos é mais necessária... Enxerte-se em nossas repúblicas o mundo; mas o tronco há de ser das nossas repúblicas. E que se cale o pedante vencido; que não há pátria em que se possa ter homens mais orgulhosos que nas nossas dolorosas repúblicas americanas”.

Antes de mais nada, reconhece a autoctonia, a especificidade dessa América que ele chama de *mestiça*; dessa América onde se mesclaram descendentes de europeus, indígenas e africanos. O índio possui uma enorme importância para ele, como dono da terra e homem que já foi capaz de levantar sobre ela culturas originais e inteiramente próprias, não alimentadas, mas sim desfiguradas pelo europeu. O que adiante se faça terá que contar de maneira primordial com sua participação; não poderá ser essa grotesca caricatura de molde capitalista que os países do continente precisam sofrer, “com paletó de Paris e pés descalços”. Recorde-se como a revolução mexicana em 1910 seria fiel a esta advertência martiana. Inclusive ali onde foi quebrada a cultura indígena, reivindicá-la é um modo de defender o que é próprio em frente ao colonialista. Procederam de outro modo as renascentes e enérgicas repúblicas africanas dos últimos anos? Ou a atual revolução cubana, ao reavivar as raízes africanas da nacionalidade? Quiçá nenhum texto supere em sagacidade e previsão o fundamental “*Nuestra*



América” como apresentação da realidade de um país subdesenvolvido moderno. Se juntam ali a penetrante análise do cientista ao poético voo do criador de mitos.

Mas uma vez reconhecida essa especificidade de *Nuestra América*, é necessário saber que parte do caudal de criações anteriores virá com ela e que parte deve ser rechaçada pela negativa em si, ou pela negativa para ela. Essa delimitação é um dos mais interessantes aportes de Martí. No tocante à Espanha, a situação não é complexa. A realidade hispano-americana se formou em contraponto à Espanha, contra quem *criollos* de ação e de ideias guerrearam no âmbito militar e ideológico. A Espanha está tão estropiada aos olhos do continente que, no combate ideológico, Martí apenas a recorda com algumas frases agudas: falando de um “povo elementar e distante” com uma “população agressiva e gananciosa”; ou da “inépcia e corrupção irremediável do governo da Espanha”. Quando tinha 20 anos, publicou um opúsculo que reiterava o melhor do pensamento independentista cubano: no futuro, pouco teve que modificar nesse ponto. Contra a Espanha já não fazia falta discutir: basta combatê-la, derrotá-la e instaurar uma república que, desde logo, se apartará de suas formas.

A relação é menos clara quando se trata de outras nações europeias, cuja influência sobre a América Latina foi notável e, às vezes, negativa; seja porque pretenderam, e aos poucos conseguiram, colonizá-la política ou economicamente, seja porque preferiam formas de governo inadaptadas à sua realidade. Ainda aqui, porém, Martí pode encontrar antecedentes ou companhia na vigilância e na reserva.

Onde Martí se encontra mais sozinho; onde é o primeiro a vislumbrar a verdade e por conseguinte o perigo que se aproxima sobre o continente, é no tocante aos Estados Unidos. O rápido crescimento do país havia impressionado não só europeus como Alexis de Tocqueville, mas também, e talvez sobretudo, a numerosos hispano-americanos, como o próprio Sarmiento, que pensava sinceramente que nas terras do sul, apesar de origens e componentes tão distintos, se poderia repetir a façanha do norte, filha direta da Revolução Industrial e do desenvolvimento burguês, que a própria Espanha não havia atingido e que, portanto, dificilmente podia deixar como herança para suas ex-colônias. Apesar de admirar uma grande parte da história norte-americana, de Washington a Lincoln (“a odisseia americana”), Martí não apenas percebe que tal similitude é impossível, mas também - vivendo no interior dos Estados Unidos no momento em que se transformam de país pré-monopolista em país monopolista e imperialista - compreende, angustiado, que seu próximo passo será projetar-se



sobre o resto da América, tão logo cicatrizada a guerra civil e conquistado o oeste, incluindo a metade do México. Em primeiro lugar, sobre Cuba. Prevenir esse risco requer apressar a independência da ilha e assentá-la sobre bases firmes e progressivas. Também é mister mostrar as deficiências internas dos Estados Unidos ao leitor hispano-americano e desaconselhar a adoção de suas estruturas pelos países ao sul do rio Grande. Ainda que essa tarefa seja desempenhada ao longo da sua vida, desde os 28 anos quando chega aos Estados Unidos, é isso que ocupa a maior parte das suas *Escenas norteamericanas*. Começa a escrevê-las em 1881. Quando no ano seguinte escreve a primeira para *La Nación*, o texto é mutilado pelo diretor do jornal, devido à sua crítica excessiva aos Estados Unidos. Martí responde em uma carta habilidosa, e seguirá posteriormente procedendo de modo mais indireto e astuto. Mas não cabe dúvida de suas intenções ao escrever as “Escenas”. Por um lado, mostrar a grandiosidade do povo que havia levantado a república mais rica e livre que o homem jamais conheceu até então e a excelência de alguns de seus homens (Martí admirou sem reservas a Emerson e Withman, por exemplo); mas sobretudo dar a conhecer os defeitos internos desse país, os males que o corroíam, os perigos implicados para os latino-americanos. Sua obsessão era tornar visível como “essa República caiu na desigualdade, injustiça e violência dos países monárquicos, pelo culto desmedido na riqueza, sem nenhuma trava das tradições”.

Já em uma de suas primeiras “Escenas”, em 1881, fala que “esse país, senhor de todos os povos da terra em aparência, é na realidade escravo de todas as paixões de baixa natureza que perturbam e pervertem os demais povos. E esta é a nação única que tem o dever único de ser grande. É compreensível que os povos que herdaram tormentas vivam entre elas. Esse povo herdou calma e grandeza: nelas deve viver”.

E pouco depois adverte como está a “nação em mãos de uns poucos mercadores desprezíveis” e como “uma aristocracia política nasceu desta aristocracia pecuniária e domina os jornais, vence as eleições, e costuma imperar nas assembleias com esta pura soberba, que dissimula mal a impaciência com que aguardam a hora em que o número de seus funcionários o permita que imponham uma mão de ferro sobre o livro sagrado da pátria e reformem a carta magna, de generosas liberdades, em favor do privilégio de uma classe, ao amparo das quais criaram estes vulgares poderosos da fortuna que sonham empregar-la para ferir as liberdades gravemente”.

Anos depois, no jornal *Patria*, destinado a incentivar a guerra contra a Espanha, dedica uma seção com o título “*Apuntes sobre Estados Unidos*”, com o único objetivo de divulgar



ali, diretamente da imprensa norte-americana, as notícias que revelam “aquelas qualidades de constituições que, por sua constância e autoridade, demonstram as duas verdades úteis a nossa América: o caráter bruto, desigual e decadente dos Estados Unidos, e a existência contínua de todas as violências, discórdias, imoralidades e desordens de que acusam os povos hispano-americanos”.

Na verdade, se não conhecêssemos a dupla missão que Martí se impôs, surpreenderia essa seção fixa em um jornal cuja única tarefa aparente era servir de veículo ao Partido Revolucionário Cubano em sua guerra pela independência em relação à Espanha.

Mas não se trata de rechaçar os Estados Unidos ingenuamente, em bloco. Se trata somente de tornar visível o negativo que carregam em seu seio (“talvez seja lei que na raiz das grandes árvores os vermes façam seus ninhos”) e o imenso perigo que representam para América Latina. Além disso, nos Estados Unidos como na Europa, há muito de útil para nossas terras. Em primeiro lugar, o saber: a ciência, a técnica e o vasto caudal das artes e das letras, que Martí divulgou amplamente entre os leitores da língua espanhola. Ali, como em tudo, Martí pensa como podem ser assimiladas por sua América: “enxertem-se em nossas repúblicas o mundo, mas o tronco há de ser o de nossas repúblicas”, nos havia dito. E esta advertência se agiganta quando se trata de educação, e mais ainda de questões sociais, políticas e econômicas. Já aqui é preciso seguir apenas aquilo que responda fielmente às exigências de seus povos. O que, nessa ordem, Martí elogia ou censura, o faz sempre em função da circunstância concreta de seus países, e especialmente de Cuba. Por exemplo: a nenhum pensador social dedica elogios mais generosos do que a Henry George (1839-1897), o autor de *Progress and Poverty* (1879). O que Engels dirá sobre Marx em 1883, diante de sua tumba recém-fechada, disse Martí sobre George quatro anos mais tarde: “Só Darwin nas ciências naturais deixou em nossos tempos uma pegada comparável à de George nas ciências da sociedade”. É quase certo que Martí considerou que a teoria sobre a renda da terra deste prudente socialista, antecipava os problemas de Cuba, que tinha urgência em reformar a realidade agrária, assim que obtivesse sua independência. É significativo que George, figura menor, tenha exercido influência também sobre Sun Yat-sen, por razões semelhantes⁹.

⁹ Confira um comentário à influência de George em Sun Yat-sen, em geral à esperança deste “de que a China eluda o caminho capitalista”, assim como o de realizar uma “reforma agrária radical” no trabalho de Lenin “La democracia y el populismo en China”, *Obras Completas*, tomo XVIII, 1912.



A Batalha Social

Por essa mesma luz temos que contemplar também a visão de Martí sobre o proletariado como força pujante. Mesmo que percorra um aprofundamento progressivo dessa visão (sobretudo a partir de 1887), diz já em 1882, falando sobre os Estados Unidos: “nessa terra será preciso decidir, embora pareça uma profecia prematura, as leis novas que devem governar o homem que trabalha e com isso negocia. Nesse colossal teatro, esse colossal problema chegará ao seu fim. Os problemas se demoram, mas não desvanecem. Negar-se a resolver um problema que nos pode trazer males não é mais que deixar a colheita dos males aos nossos filhos. Devemos viver em nossos tempos, dizer bravamente o que é certo, desamar o bem-estar impuro e viver virilmente para gozar com fruição e repouso o benefício da morte. Em outras terras ocorrem batalhas de raça e de política. E nesta, haverá uma batalha social tremenda”.

Como ignorar que Martí está pensando em seu país, cuja guerra de independência prepara? “A guerra – diria depois, coincidindo com Clausewitz – é um procedimento político”. Como ignorar que vive ainda, portanto, as “batalhas políticas”? Não terá que atravessar, também e *ao seu tempo*, a “batalha social tremenda”?

Como ele considerava essa batalha, tal como existia já em sua época, *para os países capitalistas desenvolvidos*? Martí não desconheceu Marx e inclusive o elogiou calorosamente, ainda que não parecesse familiarizado com sua obra: não faz em suas páginas referência a nenhum título de Marx. De qualquer forma, não coincidiu com os métodos marxistas relativos à luta de classes; o que, uma vez mais, devemos considerar à luz da realidade concreta de seu país. Por outro lado, não havia então nos próprios Estados Unidos movimento marxista, nem dirigentes marxistas conhecidos. Somente imigrantes europeus que, em suas línguas, disputavam sobre questões europeias.

Assim se referiu Martí a Marx, em 1883: “Karl Marx morreu. Como se colocou ao lado dos mais fracos, merece honra. Mas não faz bem aquele que indica o problema e arde de generosa ansiedade para dar-lhe remédio, mas sim aquele que conduz um remédio suave ao dano. É espantosa a tarefa de lançar homens contra homens. É indignante a animalização forçada de uns homens em proveito de outros. Mas havemos de achar saída à indignação de modo que a animalização cesse, sem que se transborde e espalhe. Veja essa sala: a preside o retrato daquele reformador ardente, rodeado de folhas verdes, reunidor de homens de diversos



povos, organizador incansável e pujante. A Internacional foi sua obra: vem honrá-lo homens de todas as nações. A multidão que é de valentes trabalhadores manuais, cuja visita entenece e conforta, ensina mais músculos que joias e mais rostos honrados que tecidos sedosos. O trabalho embelece. Remoça ver um lavrador, um ferreiro, ou um marinheiro. Por manejar as forças da natureza, se tornam bonitos como elas... Karl Marx estudou os modos de assentar o mundo sobre novas bases e despertou os dormidos, lhes ensinou o modo de enfrentar seus problemas. Mas andou de pressa, e um tanto à sombra, sem ver que não nascem viáveis os filhos que não tiveram gestação natural e trabalhosa, nem a história do seio do povo, nem o lar do seio da mulher. Aqui estão os bons amigos de Karl Marx, que não foi apenas o movedor titânico das cóleras dos trabalhadores europeus, mas também visionário profundo na razão das misérias humanas e nos destinos dos homens, e homem devorado pela ânsia de fazer o bem. Ele via, em tudo, o que em si próprio levava: rebeldia, caminho superior, luta”.

Voltamos agora a considerar o caso do seu país. Cuba está empreendendo “batalhas políticas”. Os problemas mais concretos que Martí deve resolver são, no imediato, a independência de seu país frente a Espanha; e ao mesmo tempo, frear a expansão imperialista norte-americana. Ambas as coisas não podem ser realizadas senão contando com uma ampla frente nacional que combata o estrangeiro, como propunha o Partido Revolucionário Cubano. Exacerbar precipitadamente a “batalha social” é, sem sua terra, romper essa frente e tornar impossível, inclusive, o primeiro passo. Basta observar como Martí vai radicalizando sua visão ao entrar na década de 1880 e como, não obstante, quando está entregue à organização do partido, deixa de lado temporariamente este problema em nome da unidade revolucionária. Mas isso não é tudo. Ainda que fale “das classes que tem a justiça ao seu lado”, e ainda que não caiba a menor dúvida, porque o repetiu muitas vezes, de que era um anticapitalista fervoroso e de que queria lançar sua sorte “com os pobres da terra”, aparece como se houvesse concebido a ideia – também comum a vários dirigentes de movimentos de libertação nacional¹⁰ - de que não apenas a exploração de umas classes pelas outras, mas também *a mesma divisão das sociedade em classes*, era obra nefasta da sociedade capitalista desenvolvida. Lamentando o curso histórico dos Estados Unidos, diz: “A república popular se converteu em uma república de classes”. Sua verdadeira tarefa, nesse sentido, seria rechaçar todo esse aspecto das sociedades capitalistas e tentar uma “república popular” que, desde o seu nascimento, lograsse impedir essa evolução posterior que estava corroendo os Estados

¹⁰ Confirma nota 9.



Unidos, os *transformando* em uma república de classes. Como pretendia garanti-lo Martí, não sabemos. Ele foi homem prático que não se esquivou, mas sim preparou e desencadeou a “guerra necessária”; que não era um “remédio suave” e certamente “uma tarefa de lançar homens contra homens”. Teria sido preciso vê-lo enfrentar, com aquele magnífica ilusão, as realidades concretas do governo. Em todos os casos que conhecemos, sempre que algo similar foi tentado em países como o seu, coloniais ou *criptocoloniais*, quando fossem revolucionários consequentes o resultado os levava não à criação, mas sim à certeza da existência das classes e de seu choque fatal (tão fatal como da colônia contra a metrópole), com a consequente radicalização do processo revolucionário. Por isso, não pode parecer um acaso que em países onde os dirigentes do movimento de libertação nacional assumiram mais profundamente seu problema político, como China e Cuba, puderam encadear seus próprios pensamentos e depois de um desvio temporal (no qual a burguesia tentou desvirtuar esses pensamentos), desenvolveu-se uma revolução francamente socialista. Martí não era *ainda* (*não podia sê-lo*) o dirigente dessa revolução socialista. Porém, é menos aceitável apresentá-lo como um reformista ou moderado: lutou por tornar *o mais radical possível que o processo histórico permitia*. Afinal, um gesto mais em direção à esquerda não seria historicamente factível num país colonial, mas sim uma cópia livresca de uma fórmula metropolitana. Logo, rotular Martí como reformista é assumir um idealismo superficial inaceitável. Na história há posições mais radicais; na história *que lhe tocou viver* não havia – nem poderia haver – outra mais efetivamente radical que a sua¹¹. Isso foi entendido por homens que se reivindicavam socialistas e colaboraram plenamente com ele. Martí foi o revolucionário que viveu no limite extremo das possibilidades de seu tempo, e previu inclusive não poucas daquelas batalhas que, segundo compreendeu com nitidez, não lhe correspondia realizar *naquele então*. Foi o aguerrido e militante ideólogo das classes populares (apesar de que o proletariado era apenas uma força incipiente), enquanto a burguesia *criolla* se via representada pelos autonomistas. Enrique Collazo, seu companheiro e testemunha de seu cotidiano, ao falar sobre as cotizações ao Partido Revolucionário Cubano, nos disse: “a massa trabalhadora dava sem perguntar a quantia, com absoluta confiança e cego fanatismo por seu ídolo Martí”. Da burguesia cubana, por outro lado, Martí não recebeu nada além de ataques e injúrias. Nem sequer teve a mínima grandeza de inclinar-se ante seu prodigioso gênio literário. O ódio *de classe* daqueles homens

¹¹ Com razão Julio Le Riverend pode escrever que Martí assumiu “posições simili-marxistas” (“Teoría martiana del partido político” in *Vida y pensamiento de Martí*, vol.I, La Habana, 1942).



os impedia. Bem notavam que Martí era seu *inimigo irreconciliável*, ainda que a extraordinária violência martiana, sua força devastadora, não incorressem em gestos desnecessariamente ríspidos. Depois de morto, porém, e naquele momento frustrada a república que ele sonhara, começou o processo de apropriação de seu ideário. Contudo, a essência da sua obra é inequivocamente radical, como compreendeu Julio Antonio Mella e Fidel Castro. Por isso, ao publicar o quarto volume de sua *Historia del Pensamiento Socialista*, em 1956 (ou seja, três anos antes da atual revolução cubana chegar ao poder), o inglês G. D. H. Cole escreveu: “Os revolucionários cubanos [de 1895] não eram socialistas. Tampouco seu principal teórico, José Martí, expressou uma doutrina especificamente socialista. Era um nacionalismo revolucionário, mais que um socialismo; mas seu nacionalismo revolucionário era muito radical e descansava em uma concepção de igualdade racial que está associada, em desdobramentos posteriores, ao socialismo e ao comunismo na América Latina. Reconheceu a necessidade de fundar seu movimento revolucionário nas classes trabalhadoras (...) e rechaçou sempre o programa dos autonomistas cubanos (...). Foi um forte opositor do ‘colonialismo’ e durante sua residência em Nova Iorque escreveu vigorosamente condenando o capitalismo norte-americano, especialmente em seus aspectos imperialistas. Sua política, contudo, foi de colaboração entre a classe trabalhadora, em que confiava prioritariamente, e a classe média nacionalista, que poderia ser induzida a se unir àquela, contra a aristocracia latifundiária, com base na não discriminação racial. Advogava, também, por uma legislação social avançada e, por tudo isso, merece lugar nessa história”.

Sobre seu Pensamento

Martí não foi um filósofo, no sentido estrito do termo, mas sim, sem a menor dúvida, um “pensador”, um dos mais elevados do Terceiro Mundo. Ademais, há em sua obra constantes arroubos plenamente filosóficos deixados em aberto, esboçados.

Já adiantamos as partes mais imediatas de seu “pensamento”: referentes ao político e ao social, que ocuparam um lugar determinante. E mais: o resto de seu ideário não pode desvincular-se de sua ação; está constituído, poderíamos dizer, pelo alimento e pelas metas desta ação. “A expressão”, nos disse Martí, “é a fêmea do ato”. A mais sutil maneira de trai-lo seria nos contentarmos somente com a letra, que mata; ainda que em seu caso também fascine. Não se trata tanto de ordenar seus fragmentos como um arranjo planejado, mas sim



tentar situá-los na totalidade até fazê-los coincidir com sua ação, iluminando-se mutuamente nessa cópula dialética anunciada em sua frase.

Remeter à sua ação e às circunstâncias dessa ação será também mais proveitoso para entender Martí que rastrear suas “fontes” europeias ou norte-americanas; as quais, no entanto, foram numerosas. Caberia inclusive questionar que fossem “fontes”. Já que andamos no metafórico, melhor seria chamá-las de armas: armas ideológicas. As verdadeiras fontes seriam os problemas concretos que ele se lançou a resolver e o corpo de crenças que havia surgido ao calor direto desses problemas. Uma vez mais, aqui o mero fato de situá-lo dentro de sua família esclarece muito do seu pensamento.

O que costumava ocorrer com os pensadores dos países coloniais, quase todos estudados e aparentemente formados em nações capitalistas desenvolvidas? O que ocorria com o fundo de crenças de tais pensadores hindus, chineses, árabes, africanos e latino-americanos? Uns se convertiam em pacientes ou tenazes repetidores de fórmulas alheias, carentes de eficácia em relação à sua realidade concreta, e se evaporaram para a história. Outros, ao contrário (os grandes dirigentes), utilizaram instrumentalmente o aprendido em países desenvolvidos, e dessa maneira defenderam o corpo ideológico de seus respectivos países, e suas próprias realidades. Recordem-se o grande exemplo de Gandhi. Não será até um bem adiantado século XX, em pleno processo de descolonização, que primeiro encosta e depois se funde de maneira crescente com a revolução socialista mundial¹², que se torna possível a coincidência da filosofia vinda de fora, o marxismo-leninismo, com a problemática do país colonial: sem que, mesmo ali, fossem desdenháveis cada uma das tradições particulares.

Não obstante, é certo que nessa ordem de coisas a América Latina se encontra em situação particular. Enquanto o “ocidental” é um mero intruso na maior parte das colônias que assolou, no Novo Mundo é, além disso, um dos componentes e não menos importante, que dará lugar ao mestiço (não apenas ao mestiço racial, obviamente).

Se a “tradição ocidental” não é toda sua tradição, é *também* sua tradição. Há, pois, contrapontos mais delicados no caso dos pensadores latino-americanos, ao compará-los com outras zonas coloniais. Também na América Latina é a primeira destas zonas que logra uma espécie de independência (a “América europeia” não pode ser incluída nesse grupo), e então

¹² É que o socialismo e a descolonização são os que estão fazendo com que o mundo seja realmente um; a história uma só história.



estes problemas se apresentam durante boa parte do século XIX. Seria, pois, tão arbitrário reduzir Martí à soma ou denominador comum dos numerosos pensadores europeus ou norte-americanos que ele conheceu, como fazem alguns autores, quanto também prescindir inteiramente destas referências. Só que estas referências, em si mesmas, nos ajudam pouco: platonismo e estoicismo, krausianismo, transcendentalismo emersoniano, darwinismo, certo positivismo. Isso sem considerar o fato de que algumas destas linhas, que aqui se enroscam e se miscigenam, lá são irreconciliáveis, como ocorre com as escolas europeias em nossa literatura. Mas por que elas?

Recordemos o que encontramos a propósito dos problemas econômicos e sociais: que um autor menor, como Henry George, move mais a atenção de Martí, e merece mais elogios, que um gênio como Karl Marx. Mas havíamos observado também como esse autor havia atraído o interesse de Sun Yat-sen, porque tanto o dirigente cubano como o chinês viam no modesto autor norte-americano, não um pensador importante *em si mesmo* (o que queria dizer isso, afinal?), mas sim alguém que parecia lhes oferecer soluções para os problemas agrícolas imediatos de seus respectivos países. Não estavam elogiando as construções intelectuais em sua obra, mas sim as fórmulas em cuja rápida utilidade confiavam. Ou seja, estavam remetendo à problemática específica de seus povos, *naquele momento*, como régua.

O mesmo podemos dizer de outras variantes do pensamento de Martí. Por exemplo, de suas concepções éticas, aparentemente de um ecletismo vago. Mas na realidade, um código de conduta que olha sempre as coisas concretas de seu país. Seu país está dividido em raças, submetido a espoliação colonial coletiva e afundado no marasmo geral. Apostolicamente, Martí dá vivacidade à certeza de que os grandes serão derrubados e que o reino dos céus será dos pobres espirituosos: só assim pode despertar a seu povo, fatigado de haver lutado durante dez anos em vão. Mas isso não pode ser inteiramente entendido senão em relação com a tarefa histórica que seu povo deve acometer. Não acerta plenamente Gabriela Mistral ao dizer: “Se querem, coloquem Martí em um microscópio acusador, apliquem as arengas, as proclamações ou as cartas e não lhe vai saltar nenhuma mancha, nenhuma pinta de ódio”. Nas primeiras páginas desse texto, recordamos os versos de seu profético poema adolescente, *Abdala*:

El amor, madre a la patria
No es el amor ridículo a la tierra,
Ni a la yerba que pisan nuestras plantas;
Es el odio invencible a quien oprime,



Es el rencor eterno a quien la ataca...

O que se mostra nestes versos é muito mais que um jogo de palavras desnudado. “O amor... é o ódio... é o rancor”. Não se trata, claro, de apresentar Martí agora como um odioso, o que nunca foi, mas sim de *explicar* a raiz de seu amor. Esse amor batalhador estava dialeticamente *feito* de ódio e de rancor. Martí nasce genial em casa humilde e no seio do povo escravizado. Não pode haver conjuntura mais favorável a torná-lo imensamente sensível à condição histórica em que vive. Isso precipita nele sua consciência de ser homem de país “subdesenvolvido”. E o característico desse homem é imaginar a linha maior da história, espoliado, folclorizado. Sua reação é o *rencor*. Veja como hoje Franz Fanon aprofunda isso. O Martí juvenil, como todo integrante digno de um país colonial, sente *ódio* e *rencor*, e o expressa com toda nitidez. Mas estes sentimentos movem mal os povos. Não só devemos considerar aqui a *ascese* dramática vivida pelo garoto no presídio político, prova de fogo que poderia destruí-lo, mas o deixou purificado e conhecedor de sua força, como também o fato de que os povos requerem metas positivas, realizações concretas, para despertar de um estado de abatimento. Requerem, enfim, que o ódio e o rancor gerem não só coisas para destruir, mas também construções a realizar. Martí oferecerá adiante, cada vez mais, metas e horizontes. Enquanto no político desenha a área real e mítica da “Nossa América”, no ético postula uma imensa confiança no ser humano, predica a igualdade dos homens por cima das fúteis distinções raciais, se posiciona ao lado dos humildes; e tudo isso dentro de uma concepção dinâmica do ser humano, um *fieri* [faça-se] flamejante que o leva ao cumprimento dos mais altos deveres: única forma como seu povo poderá se realizar como entidade histórica. Estes elevados deveres alcançam verdadeira incandescência em seu ideário: nos arrastam para fora das metas históricas, em um sonhar de morte-reposo (“outros lamentam a morte necessária: eu creio nela como uma almofada e o fermento e o triunfo da vida”), e um processo de aperfeiçoamento espiritual que nos faz pensar que provavelmente Martí houvesse aceitado com prazer certas ideias de Teilhard de Chardin - sobretudo se tomamos em conta a aceitação do darwinismo por Martí, mas sua crítica por este prescindir da transcendência. “Outros, com olhos desolados e cheios de lágrimas doces, miram desesperadamente para o alto. E Darwin com olhos seguros e mão escrutinadora, sem devorar-se de ansiedade por saber para onde vai, se curvou sobre a terra com serenidade, a inquiriu de onde viemos. E há verdade nisso: não se pode negar nada que seja certo no solene mundo espiritual, nem o nobre incômodo de viver,



que se alivia com a realização do prazer em vida; nem o colóquio inefável com o eterno, que deixa no espírito a força solar e a paz noturna; nem a certeza real, posto que dá real gozo, de uma vida posterior em que sejam plenos os deleites penetrantes, que com o vislumbre da verdade, ou com a prática da virtude, preenchem a alma; mais do que a construção de mundos, não há modo melhor para saber que perguntar aos mundos. Bem vejo, apesar dos seus equívocos, que lhe vieram a ver na metade do seu ser; mas não em todo ser, quem viu isso”.

Nos deparamos, pois, com a espiritualidade martiana, que sem dúvida existiu, ainda que conjugada com um rechaço a toda religião organizada, com um anticlericalismo militante. A propósito disso e de sua violenta e radical postura política, recordemos que ambos os extremos – espiritualidade e radicalismo político -, independentemente de que possam ocorrer juntos em outra sociedade, estão longe de ser incompatíveis no interior das nações coloniais que lutam por sua libertação. Nas sociedades capitalistas, costumam estar unidas a atitude radical (burguesa ou proletária) e a irreligiosidade. Basta o exemplo da Revolução Francesa. Consequentemente, não é porque Martí seja um representante do pensamento burguês revolucionário que não poderia fazer coincidir ambos os pontos de vista; ao contrário, no Haiti em fins do século XVIII, no mundo árabe em várias ocasiões, na Índia de Gandhi ou entre os povos africanos, certa religiosidade (não metropolitana) se apresenta como alimento para luta por independência nacional, como baluarte ideológico frente ao opressor. Ainda que esse não seja inteiramente o caso do anticlerical Martí, não podemos ver sua religiosidade desvinculada de sua ética e de seu pensamento político e social; e tudo isso, da sua atuação concreta como homem do mundo subdesenvolvido, esse mundo que mistura sobrevivências pré-burguesas estruturais e ideológicas. Essa seria, afinal, a maior mestiçagem das nossas terras: a cronológica.

Nos atreveríamos a dizer que sua estética desempenha um papel similar. Martí vê, na arte “o modo mais curto de chegar ao triunfo da verdade e de, ao mesmo tempo, colocá-la nas mentes e corações de maneira perene e acesa”. Em um ou outro momento de seu pensamento, surge o temo *utilidade*, a palavra central de sua expressão. Como não vê-la percorrendo sua preocupação política e social, suas normas de conduta, sua espiritualidade, seu conceito sobre a função da arte? E essa utilidade remetia diretamente às tarefas urgentes e delas nascia. O pensamento de Martí é a consciência de seus atos. Como em todo pensador verdadeiro.



A Tarefa Literária

À primeira vista, a obra escrita por Martí é paradoxal. Por um lado, Martí não publicou livro algum: somente alguns opúsculos políticos e duas coletâneas de versos. Além disso, são constantes as alusões desdenhosas a certa forma de escrever. Falando de sua primeira coletânea de versos a um amigo, ele diz: “Você sabe que meu espírito não é muito dado a estes pacíficos e secundários afazeres”. Na boca de um homem que, por estes tempos, predicava a guerra, os dois adjetivos adquirem toda sua força pejorativa. Em uma carta à sua irmã Amélia, diz sobre os romances vulgares: “deve haver um ou outro que não o seja”, e que “escritores escrevem romances porque não são capazes de escrever coisas mais elevadas”. No prólogo do único romance que escreveu, *Amistad funesta*, acrescenta que “o gênero não lhe apetece (...) porque nele é necessário fingir e os gozos da criação artística não compensam a dor de mover-se em uma ficção prolongada; com diálogos jamais escutados entre pessoas que nunca viveram”. Poderíamos estar na presença de um dos grandes espíritos ágrafos, como Sócrates.

E no entanto, o outro lado desta verdade é que, em sua morte, aos 42 anos, Martí havia deixado escritas tantas páginas que a edição mais completa de suas obras existente no momento – ainda não inteiramente recompiladas – conta com várias dezenas de volumes. Este espírito aparentemente ágrafo, pois, foi, em termos materiais, um dos escritores hispano-americanos mais prolíficos de todos os tempos.

Para Martí, seus versos *Ismaelillo* nascem de afazeres “pacíficos e secundários”; os romances vulgares “e deve haver um ou outro que não o seja”, se devem a “escritores que não são capazes de escrever coisas mais elevadas”. Cabe sempre considerar tais expressões como provocações de um “literato”, mas nesse caso desacreditaríamos de uma das virtudes de Martí: sua fundamental sinceridade. Como em referência à sua atuação política, tomamos ao pé da letra aquilo que confessou às vésperas da sua morte ao seu amigo Mercado (“o que fiz até hoje, e ainda farei, é para isso (...) impedir a tempo que os Estados Unidos se lancem sobre Cuba”); assim também temos que aceitar como verdadeiras estas declarações. E ao mesmo tempo, porém, conjugá-las com a existência de dezenas de volumes.

Mas essa conjugação é menos difícil do que pode parecer. Afinal, o que é um escritor? Martí não rechaça a escritura: a remete a atividades inferiores frente a outras, superiores, o que é coisa bem distinta. Considera evidente que existe afazeres beligerantes e primordiais



frente ao exercício que frutifica em certos versos; como também que, diante da ficção, existem “coisas mais elevadas” que um grande escritor deve ser capaz de escrever. Em outra ocasião, nos diria: “dizer é uma maneira de fazer”. Se repassamos sua obra, notaremos que foi fiel não apenas àquele rechaço, como também a esta aceitação.

Começemos pelo mais evidente: os “gêneros”. A maior parte da obra de José Martí é de índole jornalística. Significa que Martí, tão desdenhoso com o gênero de Cervantes e Stendhal, se refugiou com satisfação a este gênero quase extra-literário que é o jornalismo? Julgar assim seria sucumbir lamentavelmente ao pior critério formalista, quando não ao platonismo mais raso: os “gêneros” não existem por si. O que existem são *funções* que desempenharão dentro de um contexto específico. Na circunstância em que Martí se encontra situado, sua tarefa beligerante e primordial o leva a esse gênero particular, o jornalismo, através do qual poderá propagar efetivamente suas “coisas mais elevadas”. Com essa vintena de jornais que publicaram suas crônicas (às quais ele chama de “cartas”), Martí chega amplamente a um público continental, transmitindo seu ideário, o mais robusto e articulado de quantos surgiram na sua América. É significativo que o segundo “gênero” que Martí se dedicou em importância numérica e plena depois do jornalismo foi a carta. É um caso similar ao da crônica: Martí também expõe seu ideário em suas cartas e, valendo-se da maior intimidade por estas permitida, chega a comover diretamente o leitor, individualmente, sem poupar recursos em sua tarefa proselitista. Em seguida, já não poderia nos estranhar que o terceiro “gênero” de importância em sua obra seja a oratória. A mais elementar norma diz, há muito tempo, que uma carta é um pequeno discurso (ou vice-versa). Aqui encontramos um ostensivo vínculo: o discurso, com seu parentesco epistolar; a carta; a crônica escrita em forma de carta. Trata-se de movimentar-se em torno ao gênero mais “servil” de todos, aquele que vive de *transmitir coisas*; que tem menor probabilidade de se bastar a si mesmo, em sua imanência, em sua beleza intrínseca.

É o gênero *utilitário* por excelência; por isso mesmo, o mais próximo do extra-literário, o mais comum, o mais acessível. Quando se pensa que seu gênio literário se concentrou nisso, não é de estranhar que as cartas de Martí estejam entre as mais impressionantes que se tenha escrito e que muitos chegaram a compará-las com as epístolas evangélicas. A semelhança é maior do que se pode pensar à primeira vista e não se refere apenas às cartas em si, mas também – como já dissemos – aos discursos e crônicas, ou seja, à



quase totalidade de sua obra. A semelhança de Martí com aqueles homens apostólicos, nos quais se encarnava um povo, não é uma imagem exagerada.

À margem desta volumosa tarefa utilitária (à qual seria preciso acrescentar os trabalhos puramente políticos e também *La Edad de Oro*, de função pedagógica), as obras de Martí são escassas: suas poucas incursões teatrais são na realidade exercícios verbais e ideológicos. Seu único romance, que assinou com pseudônimo, pertence, junto com suas várias traduções, aos numerosos trabalhos que realizou por obrigação para ganhar a vida. Que fosse obra de certo peso só prova que eram imensos seus dons de escritor e que nada fez onde não deixasse marcado seu gênio. Um caso a parte foi sua poesia, que nem realizou para ganhar a vida, nem colocou a serviço imediato do interesse político. Por outro lado, é a única zona de sua obra que reputou digna de aparecer em forma de coletânea; duas delas editadas por ele mesmo: *Ismaelillo*, em 1881, e *Versos sencillos*, em 1891. Pelo menos dois volumes foram deixados sem publicar, ainda que tenha preparado seus prólogos: *Versos libres* e *Flores del desierto*. Os volumes que publicou, repartiu entre amigos com cartas que frequentemente também são poéticas. É impossível não ver nisso um fato significativo, o lugar elevado que a poesia (sua expressão, visão) ocupou em Martí. A data de aparição do primeiros destes volumes – que é, além disso, o momento em que sua prosa adquire maturidade – foi indicada como da aparição de um novo movimento literário nas letras hispânicas, que logo se chamaria *modernismo*, no qual a inclusão ou não de Martí é, ainda hoje, motivo de batalhas eruditas: sua presença daria ao movimento um aspecto distinto. E no entanto, não se vê como não incluí-lo. Um movimento não é, afinal, nada além daquilo que os homens façam dele. Como separar Martí do modernismo, atendendo a certas características que se supõe próprias deste e que foram tomados de outros escritores da época, que com igual direito poderíamos separar do modernismo para dar lugar a Martí? Onde estão estas características senão na obra de escritores concretos? Ao contar com Martí como um deles, o único que fazemos é radicalizar esse movimento, obrigado a incluir as impactantes características de Martí. Com o que ganha em complexidade, em contradição, em verdade. Bastaria, além disso, lembrar que o modernista por excelência, Darío, foi um seguidor de Martí, ainda que apenas mais um seguidor¹³. Martí foi o mais penetrante e criador dos modernistas, o único plenamente consciente de sua ampla problemática: o que não mudou umas formas por outras, mas sim

¹³ Cf. González, Manuel Pedro. *José Martí em el octogésimo aniversario de la iniciación modernista, 1882-1962*, Caracas, 1962.



colocou em juízo a condição toda do escritor hispano-americano, sua função, suas possibilidades reais. Ele que introduziu um pensamento avassalador. Enquanto os outros modernistas, que assim iriam ser chamados, pensavam ainda que era necessário “atualizar” a literatura do continente, enxertando parnasianismo com simbolismo (*ao mesmo tempo*, segundo as formas sincréticas das terras mestiças), Martí foi o primeiro em compreender que não se tratava tanto de atualizar, mas sim de descobrir e simultaneamente conquistar o *tempo real* do continente: sua situação concreta. Estar “atrasado” ou estar “em dia” supõem uma referência a um outro tempo: qualquer destas atitudes é servil e colonial. A primeira é pior, mas a segunda não é muito melhor. Martí sabia, desde muito jovem, que ele estava “atualizado”, mas por isso mesmo estaria forçado a ir a reboque de uma realidade alheia. Não teria ele, pois, uma realidade própria? Sim e não. Existia, mas como possibilidade. Dedicou sua vida a converter-se naquilo que é, para ser ele mesmo. Sua própria literatura adoecerá de irrealdade, enquanto não encontra contexto esclarecedor genuíno. Sua vida está consagrada a conquistar esse contexto e sua maior arma para isso será a própria literatura, mas a literatura utilitária.

Muitos modernistas podiam ficar deslumbrados com a prosa das suas crônicas, que Darío chamou de “fino metal e pedras preciosas”; mas a finalidade destas crônicas não era oferecer pedras preciosas, mas sim pedregulhos para lançar ao inimigo e para construir os muros da cidade. Parece paradoxal, e é uma assombrosa lição, que Martí com essa obra quase não literária seja o maior escritor do continente. Se não fosse tão grave, poderíamos dizer que ele foi o que Cocteau disse de si mesmo: “o Paganini do violino de Ingres”¹⁴. Martí colocou em xeque a própria existência da literatura em plenitude, ali onde não havia outra plenitude senão a histórica. “Não há letras que sejam expressão”, disse, “quando não haja essência para nelas expressar. Nem haverá literatura hispano-americana até que não exista a Hispano-América”. E mais adiante: “lamentemo-nos agora de que nos falte a grande obra, não porque ela nos falte, mas sim porque isso é sinal de que nos falta ainda o povo magno da qual deveria ser reflexo”.

Mas, ainda que Martí possua larga vantagem frente a outros modernistas (depois de tudo, ainda se avantajava sobre todos os outros escritores hispano-americanos de qualquer período), eles, na medida de suas forças, acabam compartilhando não pouco da sua

¹⁴ O *Violino de Ingres* é uma obra de arte surrealista de 1924, de autoria do artista estadunidense Man Ray, que consiste em uma fotografia de uma mulher de costas com intervenções em lápis e nanquim que tornam seu corpo um violino. Foi publicada na revista *Littérature*, de André Breton (N.T.).



problemática e certamente das suas formas. O modernismo, com seu patético afã de “atualizar” a literatura do continente, não significou, afinal, uma tomada de consciência do caráter subdesenvolvido de nossa literatura, no momento em que a ideologia burguesa dos fundadores mostrava suas falhas, corroída pela realidade? O problema é assimilar, embora Martí seja mais profundo - desde o primeiro momento, não limita a questão à literatura – e embora, também, Martí antecipe as soluções verdadeiras, retomando a vivacidade da ideologia dos fundadores e a situando à altura de seu tempo. Porém, nessa atitude de antecipação, própria do seu gênio, Martí ficaria sozinho. Ele parece traçar o programa do modernismo melhor ainda quando, em 1893, escreve no obituário de Julián del Casal: “Na América já está em flor a nova gente, que pede peso à prosa e condição ao verso, e que requer trabalho e realidade na política e na literatura. O petulante passo e a política vazia e rudimentar, aquela falsa frondosidade das letras que parecem cachorros de Cervantes atabalhoados como loucos. Essa geração literária é como uma família na América, que principiou pela imitação rebuscada e agora está em solta e concisa elegância, expressão artística e sincera, breve e talhada, do sentimento pessoal e do juízo *criollo* e direto. O verso, para estes trabalhadores, deve ir soando e voando. O verso, filho da emoção, há de dizer o raro, mas também o instante raro da emoção nobre e espirituosa”.

O modernismo, com efeito, “principiou pela imitação rebuscada” que alcançará seu apogeu nos livros iniciais de Darío; mas estava já na “expressão artística e sincera, breve e talhada, do sentimento pessoal e do juízo *criollo* e direto”, como testemunham seus próprios *Versos sencillos*, e como o verificará a poesia posterior a 1898 do próprio Darío ou de González Martínez, e se ramificará em Gabriela Mistral ou César Vallejo. Da mesma maneira que o exotismo dos primeiros momentos, nascido da desconfiança na ilusão fundadora e do desengano de viver estas “dolorosas repúblicas americanas”, os modernistas irão se aproximando da preocupação por sua pátria maior, ainda que sem alcançar a profundidade radical de Martí: chegando inclusive a criticar o perigo ianque. Rodó em seu *Ariel* (1900), Darío em sua *Ode a Roosevelt*, aparecida em livro em 1905. Devido à sua influência sobre a Espanha, o modernismo adquire orgulho de sua condição *americana*. Martí, pois, não apenas se adianta com a orquestração magnífica de sua prosa ou a intensidade de sua poesia, como também pelos temas que aborda: e tanto em umas, como em outras, encontrará seguidores dentro do modernismo.